4 - Experiência social do gênero e sexualidade

Simone Monteiro

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

MONTEIRO, S. Experiência social do gênero e sexualidade. In: *Qual prevenção? Aids, sexualidade e gênero em uma favela carioca* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002, pp. 69-94. ISBN: 978-85-7541-521-4. Available from: doi: [10.7476/9788575415214](https://doi.org/10.7476/9788575415214). Also available in ePUB from: <http://books.scielo.org/id/vmnhq/epub/monteiro-9788575415214.epub>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Experiência Social do Gênero e Sexualidade

Com base nos relatos do grupo de jovens pesquisado, serão descritas as trajetórias femininas e masculinas, bem como suas experiências relativas à iniciação e às práticas sexuais. Por meio do enfoque nas representações e práticas relativas à sexualidade e ao gênero, objetiva-se identificar os valores predominantes nessa população e pensar suas consequências para o controle da epidemia de HIV/Aids, cuja principal via de transmissão é a relação sexual.

Trajetórias femininas

Manutenção no espaço doméstico: esposa e mãe

Na trajetória feminina, a nostalgia da liberdade do período da infância, quando se ocupava o espaço público (a rua) sem receio ou 'vergonha', assinala que constrangimentos sociais vão inserindo as meninas no espaço doméstico (a casa).

As boas e saudosas recordações das brincadeiras na rua com os(as) colegas – em contraste com as lembranças negativas (controle familiar, surras e os tiroteios) – revelam esse ponto de vista:

Eu brincava muito na rua, agora tudo mudou, eu cresci, eu hoje tenho vergonha daquelas coisas que eu brincava de correr, de pique-esconde. (Irene, 14 anos)

Tenho 14 anos, sou mocinha, aí não posso ficar brincando na rua. (Verônica, 14 anos)

Observou-se a presença feminina no mundo privado nas atividades do cotidiano. A maioria das entrevistadas revelou assumir, total ou parcialmente, as tarefas do lar (cozinhar, lavar, arrumar) e os cuidados com irmãos/filhos, mesmo no caso daquelas que estavam estudando. Grande parte já esteve envolvida em trabalhos remunerados, em período integral (operária, vendedora, costureira, doméstica, babá), mas foi demitida ou abandonou o emprego. Uma das entrevistadas afirmou: "Parei porque eles adoram explorar gente de menor". Todas as três que saíram da escola para trabalhar não continuaram nos empregos e retomaram os estudos. No momento da entrevista, nenhuma das meninas estava empregada.

Tais fatos ganham relevância quando articulados com a recorrência do casamento e da maternidade em idade precoce. A vida conjugal e os filhos parecem viabilizar o projeto de constituição de uma vida familiar harmoniosa e feliz, capaz de fornecer apoio, segurança e companhia.²³

Casamento e maternidade aparecem como valores centrais em seus projetos de vida. Sandra, 15 anos, recorda que, quando sua mãe tem filhos, mesmo em situações adversas (estando sem marido e já tendo gêmeos), "ela fica feliz". Letícia, 18 anos, afirma que, se perder o marido, que "é uma pessoa de valor, muito importante", tudo acaba para ela. O relato de Júlia, 15 anos, também é ilustrativo:

Agora [o filho] vai representar um pouco de alegria na minha vida, mas eu ainda fico pensando muito em tirar e agora eu penso em ter para ter alegrias e não me sentir sozinha.

A interrupção de um investimento continuado na formação escolar no universo feminino em foco relaciona-se às inadequações e aos problemas do ensino público, assim como à ausência de um ambiente que favoreça a dedicação aos estudos. A falta da disponibilidade de livros e publicações diversas no ambiente doméstico e na comunidade – gibis e revistas foram as leituras mais citadas entre aquelas que afirmam gostar de ler – e de um acompanhamento das atividades escolares pelos familiares são exemplos do contexto pouco estimulante em termos da educação formal.

As condições objetivas e o ideal tradicional de identidade feminina fazem com que as perspectivas de construção de uma carreira profissional capaz de gerar ascensão social e satisfação pessoal sejam limitadas na população investigada. Vale acrescentar que as funções femininas tendem a ser associadas ao mundo doméstico, a despeito da maior participação da mulher no mercado de trabalho e do crescente número de mulheres chefes de família.

²³ Ver o estudo de Salém (1981) sobre a expectativa de mulheres de camadas populares em relação à retribuição dos filhos em termos de amparo e assistência econômica e afetiva.

As atividades remuneradas das mulheres, embora possam gerar renda, em geral são consideradas complementares ao rendimento do marido, sendo somadas às tarefas do lar e à responsabilidade pela educação da prole. No próximo capítulo, trata-se, de maneira mais detalhada, do papel feminino na vida familiar. De qualquer modo, convém destacar o atributo social do homem como principal responsável pela fonte de subsistência da família.

O amparo financeiro ao grupo doméstico sugere nexos entre o significado de proteção e a função masculina de provedor. O relato de um rapaz de 16 anos, durante a observação de uma conversa entre um grupo de moradores, fornece mais uma confirmação desse ponto de vista. Após se relacionar sexualmente com uma menina virgem, ele foi chamado pela mãe da moça para assumir as despesas relativas a ela. Para 'se livrar' da situação, ele convenceu a menina de que estava interessado em outra pessoa. Vale salientar o tom de ironia do relato, indicando uma visão crítica do garoto em relação à expectativa da mãe para que ele passasse a cuidar da menina, ou seja, assumisse a sua proteção e subsistência.

Todas as entrevistadas com vida conjugal (quatro no total) eram sustentadas pelos maridos, jovens entre 19 e 23 anos. Vale registrar que a tendência de o casamento legal ou união consensual ocorrer entre moças mais novas e homens mais velhos tem sido confirmada pelos estudos demográficos.

Segundo Berquó (1998), na faixa de 15 a 19 anos, 15,6% das moças e 3,1% dos rapazes declaram-se casados. Neste mesmo período etário, 50% das garotas casam-se com homens de cinco a dez anos mais velhos; esta disposição se mantém na faixa de 20-24. Em suma, a diferença de idade na formação do par demonstra a expectativa social de que o homem usufrua uma posição mais estabilizada como provedor (Bozon, 1995; Bourdieu, 1995).

Para complementar, cabe citar a conexão entre a maior precocidade da união conjugal e o menor nível de escolaridade. Na faixa de 15 a 19 anos, o percentual de mulheres casadas sem instrução é de 23,9%, enquanto o percentual daquelas com escolaridade superior é de 4,4%. Entre os homens de 15-19 anos, a relação é de 3,7% para os sem instrução e de 1,6% para aqueles com escolaridade superior (Berquó, 1998).

Vale ressaltar que o baixo nível de escolarização do grupo contrasta com o ideal profissional relatado pelas entrevistadas. A maioria citou carreiras que demandam longos investimentos na educação formal como direito, medicina e informática. O valor social da escolarização como um bem simbólico e as dificuldades de realização de projetos escolares e profissionais permitem a compreensão deste aparente paradoxo.

As representações sociais relativas ao significado da situação marital e da maternidade também colaboram para a interrupção dos estudos. Tais elementos ilustram as inter-relações entre condições de existência, representações, estilos e trajetórias de vida, auxiliando o entendimento da manutenção de mulheres de grupos populares no espaço privado, conforme indica o processo de formação do núcleo doméstico das moças de Vigário Geral.

A saída da casa dos pais – decorrente da iniciação da vida conjugal, com ou sem filhos, ou da falta de apoio familiar, no caso da adolescente mãe solteira – tende a definir a entrada da moça na vida adulta. Esta suposição tem como base a aquisição da independência do controle familiar pela garota e as novas funções que ela passa a ocupar na 'sua' casa.

A despeito de as atividades guardarem semelhanças, haja vista que as tarefas exercidas na casa dos pais não são diferentes daquelas realizadas no seu lar – lavar, cozinhar, arrumar, cuidar das crianças (irmãos menores ou filhos) –, tais compromissos adquirem um novo significado. Como esposa e/ou de mãe, a garota altera o *status* social de filha e torna realidade o ideal do casamento e da maternidade. As funções assumidas estimulam o abandono da escola com mínimas perspectivas de retorno e inibem atividades de lazer como idas a bailes, restringindo, dessa forma, a circulação da mulher no âmbito público.

Para as jovens, a saída do lar devido ao casamento e/ou à maternidade permite a independência do grupo familiar, a realização de um ideal e a aquisição de novas funções sociais, quais sejam, mãe e/ou esposa. A menina torna-se mulher. Essa passagem não está associada à autonomia financeira resultante da profissionalização, comum na realidade feminina das camadas médias e altas (Lavinhas, 1997), e sim à reprodução do papel feminino tradicional, identificado com a manutenção da mulher no espaço doméstico e com a atribuição masculina de subsistência.

Um segundo padrão observado nas trajetórias biográficas das jovens desse segmento social refere-se aos casos em que a gestação e/ou maternidade não são acompanhadas da convivência marital e da independência dos pais, ou seja, a menina se mantém na casa dos familiares, que compartilham ou assumem a criação do bebê.

Nessa circunstância, a passagem para a vida adulta não é tão nítida. O filho tende a se tornar meio-irmão. O mais provável é que os estudos sejam interrompidos, mas há possibilidade de retorno. As mudanças no cotidiano, nas atividades de lazer e nas funções sociais, dentro e fora do lar, tendem a ser menos significativas.

Há casos em que a vida conjugal se inicia na casa dos familiares, mas, com base no relato de informantes, a expectativa de o marido (homem) assumir o papel de provedor se mantém. Quando esse papel não é cumprido, os familiares cobram do rapaz, podendo até expulsá-lo da casa.

Relações com o comércio ilegal de drogas

O abandono do lar, em decorrência de problemas com os pais (agressão doméstica, alcoolismo, descuido), também configura uma terceira maneira de marcar a independência do grupo familiar das meninas.²⁴ Observaram-se elementos comuns nas trajetórias das moças entrevistadas que saíram de casa em função de conflitos familiares.

Com base na biografia de seis, entre as dezoito jovens pesquisadas, foi possível notar um nexo entre as situações de desorganização do grupo doméstico – agressões, abuso sexual, abandono e uma tendência à aproximação com o comércio ilegal de drogas. A inserção nesta atividade gera autonomia financeira, independência do grupo familiar e formas de defesa (acesso a armas e respeito), apresentando-se como uma aventura e/ou saída diante das dificuldades da vida. Os depoimentos são reveladores:

Fui morar com umas amigas (...) me divertia bastante (...) eu era meio doida, aí eu levava a carga e todo final de semana eu recebia cem reais. ²⁵ (...) Um dia, quando eu voltei daqui, aí fui pra lá, encontrei os irmãos das minhas colegas morto. Aí eu fiquei com medo e pedi pra minha mãe pra voltar. (Valéria, 17 anos)

Teve hora na minha vida que eu passei muitas dificuldades, entrei para o tráfico, depois eu vi que não estava dando certo, que ia acabar morrendo. Aí eu saí e coloquei a minha cabeça no lugar (...) muitas vezes eu estava dentro do carro e o carro foi metralhado, [aconteceu] de eu rezar e nenhuma bala pegar em mim, de ver o cara que tava do meu lado morrer. (Letícia, 18 anos)

No universo do tráfico, em que predomina o *ethos* masculino (Zaluar, 1985;1994), as mulheres ocupam diferentes papéis: consumidora, esposa de traficante e profissional. Como consumidoras dependentes, submetem-se a favores diversos, que incluem sexo, carregamento de armas e drogas ilícitas. Nessa posição, perdem os vínculos familiares,

²⁴ Esses problemas não estão restritos aos setores populares urbanos, acontecendo em todas as classes sociais. Todavia, as análises acerca da violência doméstica (Heilborn, 1996; Soares, 1996; Brandão, 1998) chamam atenção para as singularidades do seu significado entre os diferentes segmentos sociais.

²⁵ O valor do salário mínimo no Brasil, em outubro de 2001, era de R\$ 181, cerca de US\$ 67.

não conseguem cuidar dos filhos, morrem em ações arriscadas ou acabam presas. Um dos jovens entrevistados envolvidos no tráfico relatou:

várias se vendem também por cocaína (...) elas esquecem [o uso da camisinha], só quer saber da ambição do pó da cocaína (...). Agora o homem não, o homem já pensa logo. (Pedro, 18 anos)

No papel de namorada ou esposa 'oficial', 'menina de fé' dos líderes, as moças desfrutam do acesso aos bens de consumo valorizados socialmente (vestuário, perfumes), ganham *status*, respeito e uma certa proteção na comunidade. O uso do prestígio da posição de 'viúva de bandido' no jogo de sedução com os rapazes ilustra este ponto de vista. O vínculo amoroso com pessoas 'envolvidas no movimento'²⁶ tem seu preço. O companheiro tende a morrer cedo ou ser preso; além disso, há o risco de vingança de policiais e de traficantes inimigos. Todavia, os benefícios materiais e simbólicos, combinados com a assimetria de gênero, que caracteriza a cultura viril do comércio ilegal das drogas, dificultam o rompimento dessas meninas com o universo do tráfico.

A garota da favela hoje escolhe, ou vira mulher de alguém ou trabalha pro tráfico (...) as que trabalham não duram muito porque ficam sabendo demais. Quando vira 'mulher de fé' é melhor porque todo mundo respeita (...) Tá vendo este anel é igual a cartão de crédito, com ele faço compra na venda e pego quanto pó eu quiser na boca. Todo mundo sabe quem sou eu. (Jornal do Brasil, 16/08/1998)

As meninas são seduzidas por homens mais velhos, geralmente pessoas que elas admiram, [por exemplo,] o professor, mas predomina o bandido. Estar com ele significa poder, ganhar roupas, ir ao cabeleireiro, eles compram as meninas, elas ficam com uma dívida, ou seja, tem que ficar disponível para eles. (líder comunitário)

É interessante comentar que os casos amorosos com pessoas 'envolvidas', citadas pelas jovens entrevistadas, mesmo resultando em morte ou prisão do namorado, são lembrados como grandes paixões que não foram esquecidas.

Ainda que de forma vaga, esse dado aponta para uma possível romantização do papel de bandido que faz justiça com as próprias mãos, é capaz de impor respeito e realizar o sonho de consumo de 'suas' mulheres. Apesar de a maioria do grupo pesquisado condenar as atividades dos traficantes devido à violência, à busca de dinheiro fácil e ao acesso à 'mulé', frente à visão negativa da polícia, à ineficácia das instituições judiciais e ao descaso do poder público, o bandido assume o papel de benfeitor e protetor.

²⁶A expressão "envolvida no movimento" refere-se à participação no comércio ilegal de drogas.

Como profissionais do tráfico, na maioria dos casos, as garotas ocupam posições inferiores como 'fogueteira' (solta fogos quando a polícia chega) e 'avião' (leva a droga). Um líder comunitário relatou:

O papel da mulher no crime é de segunda categoria, é raro ver uma mulher armada, geralmente elas jogam 'pisa' [roubam e escondem debaixo da saia], fazem 'chorra' [roubar sem que perceba] e fazem mula [levar a droga].

Uma recente pesquisa sobre a população carcerária feminina do estado do Rio de Janeiro (Soares et al., 2001) fornece uma caracterização complementar deste fenômeno. A investigação atestou o crescimento do número de mulheres presas por envolvimento com o tráfico de drogas, que passou de 32%, em 1988, para 56% em 2000.

A maioria das encarceradas por esse delito (78,4%) revela que sua prisão ocorreu por estar presente em uma situação que envolvia outras prisões ('bucha'), por uso de drogas ou pela participação em cargos subalternos no tráfico ('mula', 'avião', 'vapor'). Uma minoria se referiu a funções mais hierárquicas como: "abastecedora/distribuidora, traficante, gerente, dona de boca ou caixa/contabilidade" (Soares et al., 2001:26-27).²⁷

Diante da identidade social feminina associada à noção de fragilidade – expressa pela fala de um rapaz "mulher não aguenta pancada se for pega (...) é fofoqueira" (*Jornal do Brasil*, 16/6/98) – as meninas que se profissionalizam tendem a acionar o modelo masculino, agressivo e heróico, vestindo-se e falando como homens para serem respeitadas e aceitas naquele grupo. Segundo a mesma reportagem, em uma instituição de recuperação, uma mãe levou cuecas para a filha, a outra mãe se referia à filha pela versão masculina do seu nome.

As descrições apresentadas revelam semelhanças com a análise de Zaluar (1994) sobre o papel feminino em um cenário ordenado pelo tráfico. A autora destaca: a função secundária da mulher na atividade profissional; a exposição ao estupro daquelas próximas ao ambiente dos bandidos e com grande número de parceiros e/ou com práticas homoeróticas; a cumplicidade da esposa oficial do bandido; a força moral da mãe; a reprodução do papel tradicional (dona-de-casa, esposa e mãe) e a incorporação dos atributos masculinos por uma minoria que ingressa nesse universo viril.

²⁷ Segundo Soares et al. (2001), o número de mulheres presas é muito pequeno quando comparado ao contingente de homens encarcerados. Pondera-se que o aumento da participação feminina em crimes não pode ser interpretado como uma adesão expressiva à criminalidade, é preciso levar em conta uma possível diminuição dos níveis de condescendência da justiça criminal com as mulheres infratoras e as mudanças nas políticas de segurança pública na década de 90 no Rio de Janeiro.

Ao adotar um comportamento masculino, visando ao respeito e à proteção, a menina nega a identidade feminina tradicional. Negando a condição de mulher, ela não deixa de afirmar que a feminilidade deve ser exercida no âmbito doméstico. De qualquer modo, é possível supor que a entrada das meninas no mercado 'profissional' do poder ilegal não permite mudanças na visão tradicional do papel feminino, tendo em vista o fenômeno da masculinização, a não permanência (transitoriedade) das mulheres nessa atividade e os limites da ascensão feminina a determinados postos hierárquicos nessa área.

As seis entrevistadas que afirmaram ter trabalhado para o tráfico exerciam funções periféricas. Diante dos riscos de morte, prisão e perda de amigos e namorados, elas decidiram sair e constituir uma família (casamento e maternidade). Assim como a posição de mulher de traficante, tal movimento sugere a atualização e a reprodução dos papéis sociais masculinos e femininos, em uma perspectiva assimétrica, que também se expressa no significado de proteção por meio de uma oposição complementar.

O universo masculino se conecta com a força física, o sustento econômico pela atividade remunerada e o domínio do espaço público, ao passo que o universo feminino ocupa o mundo doméstico, organiza o lar, cuida da prole e fornece esteio moral.

Cabe, por fim, citar que a descrição dos papéis masculinos e femininos, assinalados até então, guarda semelhanças com o estudo de Maher (1997) sobre as diferenças de gênero na estruturação do mercado informal nas economias capitalistas pós-industriais. Com base na análise do mercado ilegal de drogas e na experiência de trabalho com usuárias de droga, a autora demonstra que as mulheres ainda tendem a assumir funções femininas e a receber menos que os homens, particularmente entre os grupos mais empobrecidos e marginalizados.

Trajetórias masculinas

Ocupação do espaço público: profissional e provedor

A trajetória masculina é distinta da feminina e a ela complementar. Alguns garotos disseram que ainda se sentiam crianças, sugerindo que o adiamento da entrada na vida conjugal – entre os quatorze entrevistados nenhum estava casado – e a permanência no âmbito público podem gerar um prolongamento da percepção da infância no universo masculino; mesmo sendo acompanhada da conscientização de novos compromissos e do abandono do ensino formal.

Não obstante a aproximação com o relato do grupo feminino sobre as lembranças boas e ruins (surras e tiroteio) da infância, observaram-se variações de gênero relativas às formas de ocupação do espaço público. A riqueza das citações das brincadeiras de rua (futebol, bola de gude, pião, pegar doce e pipa) e o valor atribuído ao trabalho exemplificam o diferencial de gênero.

Entre os rapazes, observa-se que a saída da infância não corresponde à limitação da ocupação do mundo público e sim a alterações na percepção desse espaço, devido às pressões sociais para assumir atos e compromissos e à entrada no mercado de trabalho. O início da vida adulta masculina guarda, assim, uma relação com a mudança de significado da rua. Mesmo mantendo o significado de lazer (futebol, baile), o espaço público passa a representar a concepção de local de trabalho, de responsabilidade e de busca da atividade remunerada – "quando a gente começa a trabalhar deixa de ser criança".

A expressão 'pegar responsabilidade' sugere a internalização da expectativa social da função masculina, referente ao compromisso pela subsistência da família, assim como a citação do termo 'ser mais cabeça' – registrado em outros estudos sobre grupos populares – incorpora "uma forte conotação moral positiva, abrigando os significados de responsabilidade, inteligência e conduta moral" (Heilborn, 1997:308).

Tais qualidades são requisitos importantes para o papel social de provedor e protetor da mulher e se opõem ao descompromisso (molecagem, 'ficar zoando') dos tempos de criança. Isto significa dizer que a falta de investimento na educação formal e a não participação nas tarefas domésticas são percebidas pelo grupo como tendências 'naturais' da trajetória masculina, reproduzidas e atualizadas (Bourdieu, 1995).

Ainda que presente nos relatos das meninas, a importância do trabalho – para ajudar nas despesas da casa e adquirir bens de consumo – aparece de forma mais recorrente entre os homens. No momento da entrevista, além de estarem mais ausentes da escola do que as garotas, vários, em contraste com apenas duas meninas, recebiam remuneração. Entre as atividades, prevalecia o trabalho ou a participação nas organizações comunitárias locais; alguns recebiam auxílio-desemprego ou atuavam no comércio ilegal de drogas.

As experiências profissionais se diferenciam daquelas das meninas pela função, mas se aproximam pela variedade (mecânico, engraxate, gráfico, flanelinha, feirante). Realizadas em tempo integral, não geram vínculos, qualificações ou estímulo, com exceção da profissionalização em informática, proporcionada pela organização co-

munitária local. Entre aqueles que assumiram funções de coordenação nas instituições não-governamentais locais, foi enfatizado o papel do trabalho na transformação social. Eles acreditam que suas atividades podem mudar a imagem da favela e melhorar a vida dos moradores.

Eu sou o coordenador desse Centro Cultural, é um trabalho social, é uma responsabilidade muito grande fazer projetos para trazer pra aqui. (...) Acho que [a organização] está conscientizando um pouco a galera, tem meninos que andavam descalços [e] agora andam de chinelo, passam a se cuidar mais. (Rodrigo, 18 anos)

Novaes reflete sobre os efeitos da ação de mediadores – organizações civis e igreja, entre outros – na trajetória social de jovens de camadas populares urbanas. Para a autora, movimentos (como Viva Rio e GerAção) e organizações (como a Casa da Paz e o Grupo Afro-Reggae), orientados pela idéia de cidadania e solidariedade, têm contribuído para a ampliação de alternativas de vida de alguns jovens moradores em termos de "ressocializar, reconverter trajetórias, reafirmar valores" (Novaes, 1997:150), reduzindo os efeitos perversos da 'cultura do medo'. Conquanto reconheça as restrições, conclui:

Podemos dizer que esses jovens aportam um capital simbólico para toda a comunidade (...) e, em consequência, são questionados os limites que interiorizam (e tornam naturais) os mecanismos de exclusão e segmentação social. Parte deles se torna 'profissionais dos Projetos' adquirem uma competência específica para um outro tipo de mediação entre os jovens das áreas pobres e as instituições externas. (Novaes, 1997:153)

Duarte et al. (1993) apresentam uma visão menos otimista sobre a intervenção de organizações voltadas para a promoção social de classes populares, referindo-se ao fato de que elas se comprometem com um projeto de conversão à cidadania pela via da racionalização. Segundo os autores,

a ordem liberal-individualista não pode prescindir da construção do Estado (...) a 'conversão' pela racionalização nunca é suficiente para a produção de 'cidadãos': impõe-se a reprodução pela disciplinarização. (Duarte et al., 1993:17)

As análises de Novaes e Duarte et al. estimulam uma discussão sobre o papel de mediação das organizações comunitárias na trajetória de jovens de camadas populares. Tal empreendimento demandaria um exame dos fundamentos das propostas e de suas repercussões na realidade em questão a partir da caracterização de seus desdobramentos futuros e dos diferentes impactos entre os gêneros, estando além do escopo do presente estudo.

Considerando, no entanto, que 27 (entre os 32 rapazes e moças) participam ou participaram de alguma atividade nas instituições comunitárias locais, vale registrar impressões gerais colhidas durante o trabalho de campo:

- as motivações dos(as) jovens para entrar nessas instituições são diversas: curiosidade, 'pra matar o tempo', 'preencher a mente', 'ganhar um troco', adquirir uma qualificação; mesmo aqueles que nunca participaram – alegando falta de tempo, desinteresse, 'preguiça' – têm uma visão positiva das iniciativas e admitem possibilidade de participação futura;
- a diferença mais destacada entre aqueles que freqüenta(ra)m em relação aos que nunca participaram refere-se ao gênero: os homens criam mais vínculos nas organizações e são mais atingidos pelas propostas de profissionalização, sugerindo, mais uma vez, o maior envolvimento masculino com o trabalho remunerado;
- o recurso financeiro oferecido pelas organizações é dividido entre as despesas da casa e os gastos pessoais (vestuário, lazer); essa evidência corrobora o argumento já apresentado sobre a relação entre motivação para a atividade remunerada e investimento em bens de consumo. Convém citar que o vídeo-documentário *Formou o Bonde* (1994) sobre sexualidade e Aids, realizado na favela de Vigário Geral, registra os cuidados de rapazes e moças com a aparência durante a produção para o baile, como ida ao cabeleireiro, passar creme no corpo, escolha da roupa e do tênis etc.;
- as atividades não geram necessariamente qualificação, inserção profissional e/ou mudança no padrão de vida; no entanto, há casos de possibilidades concretas de profissionalização, evidenciadas nas atividades no campo da informática, da indústria de lazer e de coordenação de programas na organização comunitária;
- os profissionais que atuam em serviços de assistência questionam a não adesão dos moradores aos programas oferecidos e a acomodação e vitimização dos mesmos; tais dados sugerem o conflito de lógicas e valores já apontado na literatura (Leal, 1995; Duarte et al., 1993);
- a comunidade tem um visão positiva das organizações comunitárias pelo fato de elas contribuírem para mudança da imagem negativa da favela e oferecerem alternativas: "Vigário Geral sempre teve a fama de ser violento e agora eles [a organização] transmitem que tem cultura aqui dentro", afirma um dos entrevistados;

- os líderes do tráfico local se informam sobre o funcionamento das organizações comunitárias e convocam seus coordenadores para conversar, desta forma fomentam a caracterização de benfeitor do traficante, reforçando o papel masculino de dominação, controle e proteção da área. Vale dizer que, segundo relatos, os coordenadores das instituições não aceitam o dinheiro do tráfico.

É interessante pensar que um dos motivos para a tolerância e a cordialidade entre instituições com princípios tão diversos pode ser decorrente da não interferência das organizações comunitárias na ação do comércio ilegal de drogas. Isso significa dizer que as instituições da sociedade civil pretendem ser uma alternativa ao tráfico. Mesmo permitindo mudanças na trajetória de alguns jovens, suas ações parecem não enfraquecer de forma significativa o sistema de funcionamento das atividades ilegais, que se amplia e envolve pessoas cada vez mais jovens.

A compreensão das repercussões das organizações voltadas para educação, saúde e cultura de comunidades populares urbanas e das suas relações com o tráfico é um tema amplo e complexo, levantado apenas com base em relatos e impressões. Este rápido registro pretende estimular desdobramentos e debates futuros.

A sedução do tráfico

Ainda no campo das atividades remuneradas, é preciso considerar os apelos do comércio ilegal de drogas. Em um universo de baixo nível socioeconômico, a participação nessa atividade pode significar poder de consumo, acesso às estratégias de defesa pessoal e aquisição de *status* social.

Quer dizer, o garoto de família pobre, sem recursos e perspectivas de mudança de padrão de vida torna-se uma pessoa temida e respeitada com condições de consumir os produtos das classes abastadas, conquistar o objeto de desejo feminino, enfrentar a polícia, presentear e apoiar a sua comunidade. A força moral, bélica e financeira proporcionada pelo tráfico representa, assim, uma forma de 'proteção' contra a escassez dos bens materiais e simbólicos da cultura dominante, inacessíveis aos segmentos populares.²⁸

²⁸ Na entrada para o universo do crime deve-se também considerar a importância das idéias de honra, hierarquia e reciprocidade. Tal ponto de vista não será abordado no presente trabalho, mas pode ser confirmado pela análise de Alvito (2001) acerca da trajetória de vida de chefes do comércio de drogas de Acari e de dados da literatura sobre outras favelas.

A adesão de parte do grupo ao tráfico de drogas sugere que, em termos de profissionalização e mobilidade social, a geração adulta não representa um modelo positivo a ser seguido. Zaluar (1994; 1997), ao analisar essa temática, ressalta que existe um conflito entre a valorização de uma ética do trabalhador, que é moralmente superior à do bandido, percebido como vagabundo, e à visão negativa do trabalho, concebido como escravidão ou coisa de 'otário', devido à intensa carga horária, aos baixos salários e à submissão aos mandos dos patrões.

A autora sustenta que nesse universo há uma interpenetração de lógicas culturais, na qual a matriz holista vem sendo confrontada com a matriz moderna. Informada por uma reflexão crítica das teorias sobre violência urbana, destaca que o crescimento do mercado ilegal de drogas expressa o rompimento dos laços sociais. Nas suas palavras:

A fragmentação das organizações vicinais e familiares facilitou o domínio dos grupos de traficantes no poder local, que, por sua vez, aprofundou a ruptura dos laços sociais dentro da família e entre as famílias da vizinhança, acentuando o isolamento, a atomização, o individualismo. (Zaluar, 1997:41)

Em uma abordagem similar, Velho (1996) argumenta que as desigualdades sociais do mundo moderno associadas à massificação de costumes, à incapacidade das instâncias governamentais para mediar e promover o bem-estar da população e à crise de valores que orientam as relações sociais, em especial as expectativas de reciprocidade, têm influenciado a combinação de lógicas diversas. Para o autor, a participação de jovens de classes trabalhadoras urbanas no tráfico ilustra este ponto de vista.

Certamente, o crescimento e a difusão de valores individualistas na sociedade brasileira não significaram o fim da hierarquia. Encontramos coexistência e combinações das duas visões de mundo, com matizes e nuances (...) no próprio mundo do crime registram-se atitudes e comportamentos que podem estar reproduzindo mecanismos de patronagem, ao lado de manifestações de um individualismo frenético. (Velho, 1996:18)

A questão da interpenetração de lógicas culturais, ou melhor, a apropriação do ideário moderno pelos segmentos populares urbanos está presente na reflexão de Vaitsman (1997; 1998) sobre as alterações na família e nas relações de gênero entre mulheres de baixa renda a partir do processo de modernização. Em seu ponto de vista, as mudanças na esfera da cultura – decorrentes de transformações no âmbito econômico, institucional e político – produzem impactos diferenciados nos variados grupos sociais. Simultaneamente, estas modificações geram similarida-

des na medida em que os novos contextos são, mesmo que em parte, compartilhados pelos diversos segmentos. A autora explica:

Da perspectiva do sujeito, a participação em distintos contextos e jogos discursivos implica simultaneamente em produção de similaridade e diferença, pois ele atua em novos universos comuns, dos quais ao mesmo tempo se diferencia. Sobretudo na cena urbana, ele toma parte simultaneamente de mundos diferentes que, no entanto, se interpenetram. (Vaitsman, 1997:307)

As reflexões em torno da interpenetração das lógicas culturais revelam o caráter dinâmico, plural, produtor de (re)arranjos diversos da vida em sociedade, principalmente no espaço urbano contemporâneo permeado pela coexistência de discursos e práticas de segmentos variados que se renovam continuamente (Velho, 1994).

De acordo com Giddens (1991), uma das características das "condições de modernidade" refere-se às implicações da reflexividade da vida social, haja vista a dimensão de renovação, instabilidade e revisão do conhecimento e das práticas sociais, contraposta ao sentido de permanência e de resistência à mudança das sociedades tradicionais.

Ao buscar elos de conexão entre tal pressuposto e os dados das trajetórias de rapazes e moças de Vigário Geral, observa-se a presença, pouco expressiva, de relatos identificados com o ideário moderno. Prevalecem nas falas e nos dados das biografias evidências da atualização de traços do ideário tradicional como o valor da rede de parentesco, vizinhança e localidade e a assimetria dos gêneros na construção da identidade social desses jovens.

Existe uma tendência em concordar com o argumento da predominância de um caráter holista na população investigada, conforme proposição de Duarte (1988). O que não significa negar as repercussões do ideário moderno entre as camadas populares – já que a noção de predomínio não implica exclusão ou impossibilidade de convivência entre lógicas diversas – nem desconsiderar indicações de mudança no valor do trabalho entre a população investigada, particularmente entre os jovens envolvidos no tráfico.

Casamento e paternidade: um projeto adiado

A paternidade e a criação de um núcleo familiar harmônico também integram o projeto de vida dos rapazes, mas, em comparação com as meninas, são mais tardios. Os casos de gravidez não planejada não aceleram, necessariamente, o convívio conjugal:

Eu tenho um filho, eu engravidei uma menina (...) ela resolveu ter o filho, eu preferia que ela tivesse tirado. [Já ocorreu com você outros casos em que a mulher engravidou?] Já e as pessoas tiraram ou perdeu o filho. (Álvaro, 18 anos)

Rolou, aí ela tomou remédio e tentou tirar. Ficou tudo resolvido, tiraram e nunca tive filhos. (Rodrigo, 18 anos)

Quando a gestação é mantida e não há vínculo amoroso, na visão masculina, a mulher tenderá a assumir sozinha a criação do(a) filho(a). Alguns rapazes citaram o compromisso com a criança: "vou tá ali cumprindo com a minha obrigação, mas ela vai pra um lado e eu pro meu, né" (Pedro, 18 anos). Não foi notado qualquer tipo de constrangimento social provocado pela gravidez não planejada. Deve-se considerar que a concepção é um sinal de afirmação da virilidade frente a si mesmo e aos pares, bem como de realização do papel de reprodutor no grupo doméstico.

Em sua pesquisa com homens de 17 a 45 anos com baixo poder aquisitivo, Villa (1998) aprofunda esta discussão, assinalando dilemas na construção da identidade masculina relacionados à prática sexual e à paternidade. O autor destaca a contradição entre o incentivo ao exercício de sexualidade autônoma, que motiva a regulação da fecundidade no momento de constituição da união conjugal e o valor social e cultural da paternidade (papel de reprodutor) no âmbito doméstico. O controle da sexualidade e da reprodução por parte dos homens também entra em conflito com a percepção do poder feminino em relação à regulação da gravidez.

É interessante justapor a visão masculina à experiência feminina. De acordo com as entrevistadas, a interrupção da gravidez significou tristeza, sofrimento, abandono e medo da infertilidade:

Ele me largou eu tinha quatro meses de gravidez, eu sofri muito com ele, ele me batia, eu grávida apanhava muito. (Maria, 15 anos)

A pessoa vai tirando uma porção de vezes, o útero vai ficando fraco, aí quando quiser ter filho mesmo não vai ter. (Helena, 19 anos)

No início eu contei pra ele e ele falou que o filho não era dele, (...) quase sempre o homem não quer o filho, mas tem homem que gosta. (Júlia, 15 anos)

Ambos os sexos admitem que uma criança pode unir o casal, contudo, observam que ela não garante a continuidade do vínculo conjugal se não houver interesse dos dois: "acho que gravidez não prende o homem, não" (Teresa, 18 anos); "tem uns que gostam; outros ficam duvidando se o filho é seu" (José, 15 anos).

Leal & Lewgoy (1995) enriquecem essa discussão ao concluírem que garotas de grupos populares, diante de um sinal como atraso da menstruação, tendem a tomar chás ou remédios abortivos para a regra descer, caso não identifiquem condições familiares, morais e materiais favoráveis à geração de uma criança. As medidas adotadas não são percebidas como abortivas, pois não se chega a reconhecer a gravidez, mas um tipo de desordem. Isto é, "sem o reconhecimento social da gestação não há embrião, nem feto e nem ao menos gravidez" (Leal & Lewgoy, 1995:70). O reconhecimento social da gravidez geralmente ocorre quando se avalia a viabilidade de assumir o projeto de formação de uma nova família.

Roteiros sexuais: o contraste entre os gêneros

Gagnon (1990) analisa as fontes sociais do processo de aprendizagem da conduta sexual, introduzindo a concepção de cenário sexual. Salienta a importância da identificação e da compreensão das narrativas culturais implícitas e explícitas que estruturam as práticas sexuais, bem como dos elementos objetivos e subjetivos que integram a experiência sexual, como gênero, faixa etária, espaço, expectativas, sentimentos, relações de poder, entre outros. A apreensão de tais aspectos, no entanto, impõe uma série de desafios metodológicos, assinalados por Parker et al. (1995) e Lhomond (1996).

Para minimizar as dificuldades impostas pela temática e pelo fato de a entrevista ter sido conduzida por uma pessoa 'de fora', a aproximação com o universo investigado foi feita com intermédio de mediadores da própria comunidade. Os encontros foram realizados nos locais definidos por eles(as) e complementados com observações de contextos de sociabilidade e reuniões com jovens moradores. Procurou-se estabelecer ligações com elementos do espaço 'conhecido' (de dentro, familiar), visando a alguma identificação com as expressões culturais locais.

Apesar de os(as) entrevistados(as) terem manifestado cooperação e interesse – a maioria assinalou a oportunidade de aprender e falar de assuntos da vida sobre os quais eles/elas não têm com quem compartilhar – cabe registrar a ocorrência de certas reações de surpresa e constrangimento em relação a questões sobre sexo.

Esta impressão foi confirmada pelo relato de alguns depoentes. Tal fato sugere que a ênfase no diálogo e na problematização da sexualidade – presente no discurso moderno sobre direitos sexuais e reprodutivos e (des)igualdade dos gêneros – não é comum nessa realidade. De qualquer modo, segundo indicam as falas a seguir, observa-se que, no encontro, foi

possível estabelecer algumas conexões relacionadas a representações do sentido de proteção, como confiança para expressar idéias e sentimentos, além de uma associação com laços de vizinhança.

As coisas que falei acho que não teria *coragem de falar* com uma pessoa que já conheço há um tempão. (Otávio, 19 anos) (grifo meu)

Pelo menos a gente tem uma pessoa que faz umas perguntas e eu desabafo, a gente não vai contar isso pra ninguém... As coisas que eu não pude conversar com ninguém eu conversei contigo. (Valéria, 17 anos)

Nunca tive esse tipo de conversa com ninguém. (Verônica, 14 anos)

Fez pergunta sem maldade. (Denise, 13 anos)

Você foi perguntando as coisas *como se fosse uma pessoa muito minha amiga* e eu fui relaxando, contando e tirando o sufoco de dentro de mim. (Maria, 15 anos) (grifo meu)

Apesar das restrições apontadas, as informações obtidas permitiram a apreensão de aspectos da atividade sexual, capazes de orientar reflexões sobre as políticas preventivas e de estimular investigações futuras.

Iniciação sexual

Das 18 entrevistadas (a maioria de 14 a 18 anos), 8 declararam ser virgens. Seus namoros envolvem beijos, abraços e passeios. Alguns relatos apontaram para a associação da figura masculina com a noção de domínio e iniciativa em relação ao sexo: "quando a gente namora na casa deles, eles querem mandar na gente" (Denise, 13 anos); "a gente conversa, mas ele nunca me forçou, já tem sete meses que a gente namora" (Verônica, 14 anos).

Na busca de indicadores que sugerissem características comuns na trajetória desse grupo, diferenciando-o do grupo de meninas com experiência sexual, foi possível identificar alguns pontos semelhantes que se tornaram expressivos quando analisados de maneira integrada. No grupo das sem experiência, há maior controle e preocupação das mães. Duas situações exemplificam essa afirmação: ao ser avisada de que não poderia participar da entrevista, uma mãe indicou desconforto, comentando: "é segredo, é?"; outra mãe pediu que eu aconselhasse sua filha e comentasse seus comportamentos e dúvidas após a entrevista.

A permanência na escola se constitui um fator recorrente neste grupo, sendo ilustrada na seguinte fala: "tem várias garotas que eu conheço de 15 anos, tudo grávida em vez de estar estudando, curtindo a

vida" (Irene, 14 anos). O não envolvimento com o tráfico de drogas, a menor frequência aos bailes e a maior participação em atividades recreativas ligadas ao mundo infantil e ao esporte – como pique, queimado, bicicleta e futebol – foram elementos que também prevaleceram entre as meninas que afirmaram ser virgens.

Não foram observadas diferenças importantes na faixa etária e no desenvolvimento físico do grupo sem e com iniciação sexual, com exceção de uma garota virgem que, além de ter porte miúdo e seios pequenos, tinha o hábito de chupar o dedo. Chama a atenção que a idade da iniciação sexual do grupo pesquisado (prevalece a faixa de 13 a 15 anos) está abaixo da média do país: 16,7 entre os homens e 19,5 entre as mulheres,²⁹ sugerindo estudos subseqüentes capazes de identificar a idade do início da vida sexual nos diferentes grupos sociais.

Os argumentos apresentados indicam que tais investigações devem enfocar a inter-relação entre adiamento do início da vida sexual, estrutura e controle do grupo familiar, local de moradia, escolaridade e espaços de interação social. Ainda que não se tenha incluído uma etnografia dos bailes, com base na literatura,³⁰ é possível sugerir que o baile – espaço de convivência e sociabilidade, caracterizado pela ausência da vigilância familiar e da comunidade, pela exposição de coreografias e estéticas corporais e pela grande concentração de jovens – favorece o relacionamento entre os pares e a experimentação sexual.

O baile foi a atividade de lazer mais citada entre meninos e meninas com experiência sexual. Conforme mencionado, entre as moças 'virgens', as atividades recreativas, em geral, ocorrem dentro da comunidade. O contato com outros cenários se dá por meio da escola, que é próxima ao local de moradia. Mesmo que as unidades de ensino estimulem a convivência social, tais espaços também geram uma forma de controle social, 'protegendo' da interação com os demais universos. Em suma, o baile representa a esfera da 'rua' (descontrole, anonimato, 'sexo arriscado') e se contrapõe à proteção da casa/comunidade (conhecido, familiar, 'sexo sem risco').

²⁹ No grupo feminino, a análise por coorte aponta para uma diminuição pequena na idade mediana da iniciação sexual: 18,8 no grupo de 20-24 e 20,7 no grupo de 45-49. Com relação à escolarização, na faixa de 20-24, a idade média da primeira relação do grupo sem nenhuma instrução foi de 15,6 e no grupo com 1 a 3 anos de instrução de 17,9. A idade média entre as mulheres de 20-49 anos sem nenhuma instrução é de 17,6 e com 12 anos ou mais é de 22,4 (Benfam, 1996:77).

³⁰ Ver Vianna (1988), Cecchetto (1997), Souto (1997), Cunha (1997). Os(as) autores(as) tendem a destacar as diferenças entre os bailes. Na definição de Cecchetto (1997:99-100), no baile de 'embate', há menor controle das brigas; no baile normal, a briga é organizada e no baile da comunidade, não existe confronto.

Em concordância com essa descrição, sugere-se que a interação limitada com outros espaços sociais da cidade – potencializada pela geografia da favela³¹ e pela vigilância da rede familiar e de vizinhança – integra os fatores de controle do comportamento feminino que colaboram para o adiamento da iniciação sexual.

Tal pressuposto poderia ser enriquecido por investigações posteriores, em uma abordagem comparativa da experiência sexual e de gênero de jovens que não estão sujeitos a redes pessoais de controle e socialização, como é o caso daqueles que sobrevivem a maior parte do tempo na rua e/ou moram em abrigos.

Para complementar essa reflexão, caberia ainda um estudo no campo da sexualidade e das relações de gênero entre jovens de camadas populares que ingressaram no mercado de trabalho da indústria do lazer, tendo em vista que essas atividades têm possibilitado o aumento do padrão de vida e um maior acesso e interação com realidades diferenciadas.³²

É válido acrescentar outros aspectos que perpassam a iniciação sexual feminina. Há valorização do vínculo conjugal e da maternidade, jogo de sedução, desejo e curiosidade – uma menina virgem perguntou: "Pode acontecer de durante o beijo ficar molhada?, Qual o prazer do homem no sexo?, Como é a primeira vez?" – e uma cultura de exibição de corpos – garotas passeiam de short colante e bustiê, adolescentes grávidas exibem suas barrigas, garotos passeiam de calções com o torso nu. Em contrapartida, existe pouco diálogo, dúvidas, controle familiar, medo da gravidez não planejada e da perda de um bem, a virgindade, que mantém um valor no mercado matrimonial nessa realidade.

Ao analisar a iniciação sexual e amorosa no Brasil e na França, Bozon & Heilborn (1996) salientam que a expressividade corporal brasileira, contraposta à valorização da troca verbal na realidade francesa, insere-se em um universo social controlador que tem origem na herança de uma organização relacional e hierárquica da vida social, na qual os papéis de gênero são claramente delimitados.

Considerando que os contatos físicos conjugais movimentam-se em um sistema social potencialmente rígido, compreende-se por que tais práticas não aceleram a passagem para o ato sexual. Esse ponto de

³¹ Ver comentário de Cunha (1997) sobre visão de moradores de uma favela do subúrbio e outra da Zona Sul carioca.

³² Para uma análise do papel dos movimentos musicais, como os bailes *funk*, na criação de oportunidades de trabalho e ampliação de alternativas de vida para jovens de comunidades carentes, ver Souto (1997). Com relação à realidade de Vigário Geral, vale citar que os jovens integrantes da banda musical local (Banda Afro Reggae), profissionalizaram-se e têm feito apresentações dentro e fora do país.

vista oferece uma explicação para a permanência (ainda que tenha havido uma redução) do valor moral e social da virgindade feminina, como uma passagem essencial que leva à mudança no *status* social feminino. Exemplificando essa perspectiva, duas meninas responderam que a virgindade era o que elas tinham de maior valor na vida.

Na trajetória dos rapazes, ao invés da virgindade, valoriza-se a experiência sexual. De acordo com o argumento proposto por Bozon & Heilborn (1996), nota-se que a iniciação sexual está relacionada à aquisição da masculinidade, isto é, a constituição da identidade masculina se dá por meio da afirmação da virilidade. Nesse universo, a iniciação amorosa conjugal e a aprendizagem sexual são fenômenos distintos, não fazem parte do mesmo calendário, conforme expressa a diferenciação entre a namorada (moça direita, de família) e a 'outra' (safada, vadia, fácil).

No grupo em estudo, apenas dois declararam ser virgens, o mais novo deles, com 14 anos, e outro com forte adesão ao discurso religioso católico. Para este, o ato sexual deve estar associado ao vínculo amoroso e à sintonia entre corpo e mente e não à pressão social. De preferência, o sexo deve ocorrer após o casamento, segundo recomenda a Igreja católica, mas ele admite que pode acontecer antes. O jovem canta na banda da igreja, não frequenta baile *funk* e é criticado por ficar dentro de casa. A importância da religião na sua vida aparece em vários momentos da entrevista:

Antigamente brigava com as pessoas, depois que entrei pra banda da igreja (...) fiquei um pouco mais calmo, até mesmo deixei de xingar palavrão (...) mudei. (...) Quando Deus achar que eu devo arrumar família e casar, aí eu caso. (Marcelo, 16 anos)

A despeito de tais evidências sugerirem uma vinculação entre o adiamento da iniciação sexual e a prática religiosa, tal associação não foi observada entre as meninas.

De acordo com a descrição das meninas que se declaram virgens, nos namoros prevalecem beijos, abraços e passeios. Outras atitudes como carícias dos órgãos genitais, seios e sexo oral não foram citadas, sugerindo que tais práticas seriam posteriores à primeira penetração e não caracterizariam a iniciação sexual.

Todavia, nos encontros em grupo, os rapazes afirmaram que com a namorada virgem 'rolam' carícias e 'sexo nas coxas'. Na visão deles, isso não é sexo, sexo é penetração. A preocupação das garotas com os riscos do 'sexo na coxa', com os efeitos do 'remédio pra tirar o neném' e com a perda da virgindade – "Pode transar e continuar com a pelinha?" – indica a presença destes comportamentos e ilustra os conflitos e dúvidas do processo de iniciação sexual feminino assinalado anteriormente.

Masturbação

Não é surpreendente registrar que a masturbação é mais recorrente e aceita entre os homens.³³ Seis garotos declararam que a praticaram; dois deles, além de duas meninas, continuavam a fazê-lo. Houve aqueles que disseram que era uma questão de escolha pessoal – "quem quer faz". Contudo, prevaleceram as visões críticas, nas quais as práticas auto-eróticas eram associadas à falta ou ao problema com um(a) parceiro(a). Algumas meninas relataram: "é estranho"; "não é legal, por que fazer sozinho se tem uma pessoa [com quem] você pode fazer o mesmo?"

Os comentários masculinos também apontam nessa direção:

O cara que faz isso tá com falta de mulher mesmo, ou meio tarado, ou a mulher dele não está satisfazendo ele dentro de casa. Eu acho que não é uma coisa legal. (Álvaro, 18 anos)

Pô, tem cara que, né, pra ele se contentar, só fazendo isso mesmo, né, porque agredindo não pega bem também, então o cara mesmo só, ele se masturbando mesmo. (Pedro, 18 anos)

Convém acrescentar que, durante a entrevista coletiva, a masturbação foi definida como um 'recurso' diante da dificuldade de transar com a namorada, devido à repressão da mãe da menina e/ou receio da moça de ficar com 'fama negativa'. Com base nos comentários dos rapazes, observa-se que a prática auto-erótica é percebida como uma etapa da trajetória masculina relacionada à experimentação do sexo – "hoje não tem nada a ver, quando era pequeno fazia (Antônio, 16 anos); "normalmente com 13, 15 anos, depois que arruma parceiro, não faz mais" (Otávio, 19 anos) –, mas não está relacionada a uma afirmação da virilidade.

De qualquer modo, a maior familiaridade e aceitação dos rapazes com a masturbação e uma menor experimentação das moças reflete a aceitação social do exercício sexual masculino de forma mais autônoma, isto é, desvinculada da reprodução e das relações estáveis. As restrições à masturbação indicam que a visão moderna de valorização da descoberta e de exploração do prazer sexual individual ou compartilhado para além da penetração – presente no discurso preventivo sobre sexo mais seguro – não tem repercussão nesse universo.

³³ Na população francesa, Bozon (1995) evidenciou que, embora o percentual de homens, que afirmam masturbar-se ser bem maior do que o das mulheres, esta prática aumentou significativamente no grupo feminino (19%, em 1971 e 71%, em 1992), em parte, devido às transformações na sociedade e ao maior diálogo sobre sexualidade. Estas alterações apresentam variações entre grupos sociais da mesma sociedade e de contextos diversos. A percepção do grupo em foco ilustra este ponto de vista.

Sexo vaginal, anal e oral

A primeira relação sexual das meninas – associada por elas ao coito vaginal, ou melhor, à perda da virgindade – ocorreu em torno dos 14 anos, em geral, com o namorado de uma faixa etária mais alta (por volta dos 20 anos), indicando a relação entre sexo e vínculo amoroso. As motivações inserem-se em contextos diversos (desejo, curiosidade, afirmação frente ao grupo, conflitos familiares). Contudo, parecem ter em comum o valor simbólico de uma passagem para uma nova condição. As falas exemplificam:

Ele falava que eu não tinha nada a perder, que eu tinha que tirar minha virgindade. Na hora eu fiquei com medo, mas depois o medo passou. (Valéria, 17 anos)

Estava querendo aprender, fazer o que as outras faziam. (Maria, 15 anos)

Foi uma situação de revoltamento que eu era moça e minha mãe falava que eu era mulher, aí eu peguei e pratiquei. (Letícia, 18 anos)

Grande parte das meninas entrevistadas sentiu dor ou medo; das dez garotas com experiência sexual, três (duas com 13 e uma com 15 anos) engravidaram na primeira relação, mas relataram ter perdido os bebês. A maioria sabia dos riscos ("nem pensei", "confiava nele"), mas apenas uma usou preservativo.

Na iniciação sexual dos meninos, prevaleceu o ocasional e o inesperado – "rolou um clima", desejo, convite, "salada mista",³⁴ curiosidade –, ocorrendo por volta dos 13 anos com a namorada, colega ou caso. Em contraste com a realidade feminina, o vínculo amoroso foi menos relevante. Nenhum deles usou qualquer método.

Pesquisas no campo da prevenção da Aids, dirigidas a jovens brasileiros (Santos, 1992; Méchan-Hamann, 1996; Paiva, 1996b), somadas ao número de casos de Aids e de gravidez precoce, sugerem a baixa frequência do uso regular de camisinha entre adolescentes.

Dados da Secretaria Municipal da Saúde do Rio de Janeiro revelam que a proporção de nascidos-vivos de mães adolescentes residentes é de 18,69%. O Ministério da Saúde divulgou que 23,44% dos partos realizados pelo Sistema Único de Saúde (SUS), em 1995, foram feitos em

³⁴ Salada mista é uma brincadeira de sorteio, na qual cada fruta (pera, uva, maçã) corresponde a uma situação (beijo no rosto, abraço e aperto de mão), sendo que a saladinha é beijo na boca.

gestantes faixa de 15-19 anos (Brasil, 1996).³⁵ Em 2000, o SUS realizou 645 mil partos de adolescentes entre 15 a 19 anos em todo o país.

As respostas às questões 'O que é sexo? Você já fez sexo? Como e quando foi a sua primeira vez?' revelam que, para ambos, a iniciação sexual está relacionada ao primeiro coito vaginal e que o conceito de sexo está associado à penetração. A pergunta 'Que tipo de sexo você faz?' indica o predomínio do sexo vaginal denominado de "comum", "normal",³⁶ "pela frente", "cobra com aranha"; "vaginal", "na vagina". A expressão "vaginal" ou "na vagina" e as denominações dos órgãos genitais³⁷ (vagina e pênis foram os mais citados) indicam a presença da terminologia científica (médica). Além disso, sugerem uma diferenciação em relação às demais práticas sexuais (sexo oral e anal), seja para negá-las, seja para ampliar as opções nesse campo.

Os meninos admitem um repertório sexual mais amplo do que as meninas. Entre as variações, aparecem o sexo oral (apontado por alguns como a prática sexual preferida) e combinações de ações diversas. Diante da não-caracterização das mesmas – "pratico todos os tipos" (Letícia, 18 anos); "faço tudo com mulê" (João, 19 anos); "tudo, não tenho preferência" (Vítor, 16 anos) –, não foi possível averiguar quais as práticas sexuais referidas.

O sexo anal foi citado por uma minoria. Uma menina (Teresa, 18 anos) disse que tentou mas não gostou. Para um rapaz (Maurício, 15 anos), "depende da mulê (...) a vontade tem que ser dela, ela que tem que falar". Com base nessa afirmação, pode-se supor que o sexo anal é um sexo especial, que depende de uma negociação com a mulher. Os demais relatos o associam à "nojeira" e a sexo com mulher "vadia": "Pro homem não é muito bom não, agora pra mulher é bom (...) a mulher fazer no homem, né. (...) o contrário é nojento" (Pedro, 18 anos).

Esta frase sugere que o sexo pode significar a penetração ou a felação. De acordo com o estudo de Paiva (1996a), 81% dos estudantes do ensino fundamental da rede pública do sexo feminino nunca tinham praticado sexo anal; entre as universitárias da USP o percentual caía

³⁵ Segundo Camarano (1998), entre as razões alegadas por jovens brasileiras para não utilizar métodos na primeira relação, mais de 40% declararam não esperar ter relações naquele momento; cerca de 30% afirmaram desconhecer métodos e 6% alegaram desejo de ter filhos.

³⁶ Para um menino, "normal é quando a menina aceita fazer o que os dois querem", sugerindo referências ou experiências relacionadas à imposição do parceiro masculino.

³⁷ Em menor proporção, apareceu xereca, xoxota, xana, cocota, urina, caixinha, Bráulio, peru; duas meninas não quiseram falar e um menino afirmou "como dizem os livros".

para 52,1%. No universo dos homens, tal diferença opõe-se: o sexo anal não foi praticado por 59,1% dos universitários e por 39,6% dos alunos do ensino fundamental. Tais dados podem indicar que o sexo anal é menos praticado por mulheres de camadas populares.

Todos os jovens entrevistados, de ambos os sexos, afirmaram que tiveram experiências heterossexuais, não havendo relatos de homoerotismo. As opiniões acerca da homossexualidade apontam para duas vertentes opostas: uma, contrária à discriminação, é centrada no direito das escolhas e gostos pessoais: "cada um sabe de si"; "faz o que quer da vida", "tem seu gosto"; a outra, crítica e mais comum entre as mulheres, predomina a concepção de desvio e pecado: "esquisito"; "nojento"; "sem-vergonhice"; "errado, Deus fez o homem para a mulher".

Há registros de menor tolerância com as mulheres que transam com mulheres. Tais opiniões revelam visões ambíguas da homossexualidade: está longe da experiência pessoal dos jovens, mas presente em seu cotidiano por meio do contato com conhecidos, amigos ou familiares; é algo estranho, mas, ao mesmo tempo, deve ser tolerado em respeito às escolhas individuais.

A partir de um levantamento com 602 estudantes, a maioria do ensino fundamental da rede pública de quatro municípios brasileiros, Monteiro (1995) identificou que os adjetivos mais citados para caracterizar pessoas que preferem ter relações com pessoas do mesmo sexo foram: corajosas (45%), infelizes (37,5%) e loucas (35,1%). Os dados sugerem que as práticas homossexuais são vistas como um enfrentamento da ordem social e sinal de descontentamento e desequilíbrio, refletindo a noção de desvio. As concepções sobre práticas homoeróticas foram aprofundadas por Costa (1992) e Parker (1989).

Segundo um líder comunitário de 29 anos, na sua época, era comum os meninos se iniciarem sexualmente com *gays* e profissionais do sexo, apesar de seus amigos muitas vezes não admitirem. A ausência dessa situação nas entrevistas pode ter ocorrido pelo constrangimento decorrente do preconceito social em torno do tema e/ou pelo aumento da aceitação social do sexo entre adolescentes e da forte associação entre homossexualidade e transmissão do vírus da Aids.

Embora grande parte do grupo pesquisado tenha ressaltado a importância da camisinha na prevenção de doenças e da gravidez não planejada, e que praticamente todos soubessem onde consegui-la gratuitamente, apenas uma minoria afirmou usá-la com regularidade. No capítulo seguinte, será apresentada uma discussão sobre a lógica do uso e do não-uso do preservativo.

As diferenças entre os gêneros ficam evidenciadas no maior repertório sexual dos homens e no maior número de parceiras. As meninas afirmam que fazem sexo com o namorado/marido em média duas vezes por semana – há práticas (quase) diárias, principalmente entre as casadas –; os meninos comentam que transam com parceiras diversas (namorada, "outras", "biscate") com frequências variadas de um a todos os dias da semana.

A iniciativa, em geral, é do homem. Não obstante a maioria afirmar que os(as) meninos(as) têm o direito de dizer não na prática sexual, os relatos confirmam o papel do homem como protagonista, sempre disposto e interessado em sexo. Para algumas moças, os homens não têm controle, são instintivos e têm mais apetite sexual. No universo masculino, há concordâncias quanto a este ponto de vista, condenação da expressão do desejo sexual feminino e afirmação da dominação masculina (o homem é visto como o provedor, aquele que "banca", o dono, o que tem poder). O relato de Pedro, 18 anos, é ilustrativo:

Pô, mentalidade de homem é botar filho no mundo e sempre tá ali com a obrigação dele trabalhando pra poder sustentar. A mentalidade da mulher não, a mentalidade da mulher é ficar em casa né, tomando conta do filho, fazendo comida, lavando, passando (...) tem mulher que tenta fazer o que o homem faz aí acaba virando sapatão (...) quando eu falo quero, tem que ser o que eu quero, né. Porque se for a pessoa que eu tô ali, que eu sempre *tô bancando*, então *tem que ser o que eu quero*, né. (...) Então se aquilo é nosso, aquilo tem que continuar sendo nosso. (Grifo meu)

Contudo, um deles argumentou que "mulher tem mais vontade" (João, 19 anos); outro questionou o peso do reconhecimento do apetite sexual masculino devido às cobranças de desempenho e disponibilidade constante. Álvaro, de 18 anos, esclarece:

O homem é mais assediado que a mulher, a mulher consegue se controlar. Quando ela quer dizer não, ela diz. (...) O homem não, sempre tem que dizer sim, aquela situação de machismo. (...) Se o homem fala que não tá a fim, a mulher já acha que ele tá com outra na rua.

As descrições das características dos gêneros mostram a presença da perspectiva hierárquica na percepção do grupo. Para as garotas, os homens são "safados", "imediatistas", gostam de briga, têm mais liberdade e devem trabalhar. Em contraposição, as mulheres são definidas como "sofredoras", "esforçadas", "possessivas", "medrosas", "lentas" e pertencentes ao mundo doméstico. A classificação dos garotos reafirma esta visão. Essas opiniões se refletem na educação familiar, ambos os sexos

admitem que a menina é mais controlada e 'presa', ao passo que o menino é mais livre e 'solto'. A gravidez precoce dissociada da vida conjugal é uma das razões para o controle feminino. Um rapaz declarou: "[com] os meninos os pais não têm tanta dor de cabeça de pegar barriga, já as meninas podem arrumar namorado que não presta" (Álvaro, 18 anos).

Em seu estudo com mulheres de baixo poder aquisitivo, Guimarães (1996) oferece um ponto de vista complementar, argumentando que a sexualidade nesse universo se insere no modelo da hierarquia e da reciprocidade do meio familiar. Dessa forma, diferencia-se dos valores do modelo individualista moderno que informam a sexualidade das camadas sociais médias. Nas suas palavras: "é o valor atribuído à família que constitui a referência axial da identidade da mulher, bem como norteia a ética e moralidade que lhe é própria" (Guimarães, 1996:296). No ideário moderno, a sexualidade não está subordinada ao sistema de gênero, tem um valor em si, fenômeno conectado com a concepção moderna de indivíduo, que sustenta a igualdade e a simetria dos sexos (Fry, 1982).

Com base nos dados das trajetórias do grupo pesquisado apresentados até então, foi possível identificar ligações de densidade simbólica nas quais o valor da proteção do universo masculino se conecta com o trabalho no âmbito público, sustento financeiro, força física e bélica, enquanto as expectativas sociais em relação ao mundo feminino referem-se aos cuidados com os filhos, ao esteio moral e à ocupação e à organização do espaço doméstico.

No terreno das manifestações sexuais, o sentido de proteção apóia-se na lógica das esferas de significação da 'casa' e da 'rua'. Os laços de parentesco e de vizinhança ('conhecido') acionam a percepção de segurança e de confiança, justificando a prática sexual desprotegida. Em oposição, o estranho à comunidade ('desconhecido') representa o perigo e o sexo arriscado, estimulando a adoção de práticas preventivas. Isso significa dizer que o "familiar tende a proteger", ao passo que o 'de fora' é percebido como ameaçador.

Observou-se que os núcleos simbólicos de proteção do grupo estudado estão ancorados nas condições materiais e nas representações e práticas, configuradoras das relações de gênero e sexualidade, tais como: a força moral, econômica e bélica do poder ilegal, a deficiência do poder público e a divisão tradicional dos atributos femininos e masculinos.

Com intuito de aprofundar a reflexão sobre a caracterização de um sistema cultural de proteção, em seguida será analisada a percepção dos jovens em foco relativa aos cuidados de saúde, em especial, à prevenção do HIV e às ameaças do dia-a-dia.